

ubianas

I Semana de Conferências de Engenharia Electromecânica

A dificuldade de ser único no País

O debate de problemáticas de Engenharia Electromecânica pouco abordadas nas aulas teóricas foi o principal objectivo da I Semana de Conferências do curso. Acreditada pela Ordem dos Engenheiros, a licenciatura em Engenharia Electromecânica da UBI, única no País, vê-se, no entanto, a braços com a difícil tarefa da credibilização.

Filipa Minhós

Apostar na divulgação de temas que acabam por ser abordados de uma maneira muito superficial nas aulas, foi o principal contributo da I Semana de Conferências de Engenharia Electromecânica. De facto, mostrar aos alunos a investigação que se faz no ramo a nível nacional possibilita o alargamento do leque de conhecimentos destes futuros engenheiros. "O nosso objectivo foi dar a conhecer certos temas pouco falados no curso. Não conseguimos dar muito mais do que isso neste momento. Todavia, nós damos o empurrão para os alunos mais interessados, que com certeza pesquisarão melhor as temáticas abordadas" – refere Heloísa Diogo, presidente do NEUBI (Núcleo de Estudantes de Engenharia Electromecânica).

Esta iniciativa parte do NEUBI e decorreu entre os dias 4 e 8 de Abril, contando com o apoio e incentivo do Departamento. Há já quatro anos que o núcleo de Engenharia Electromecânica não realizava um ciclo de conferências. "Já há bastante tempo que



O curso de Engenharia Electromecânica da UBI é o único do País

não realizávamos nada. No passado, havia ciclos com a duração de dois ou três dias, pelo que este ano decidimos inovar e pôr em prática a primeira semana de conferências de Electromecânica" – explica Heloísa Diogo.

Tentando criar uma maior credibilidade junto da Ordem dos Engenheiros, o curso de Engenharia Electromecânica, em Portugal, apenas existe na UBI, facto com qual o Departamento se debate constantemente, devido ao isolamento em

que este curso se encontra pela falta de congéneres. "Embora a Ordem acredite este curso, não vê com bons olhos a fusão de duas engenharias tradicionais, a Electrotécnica e a Mecânica. Como tal, os alunos licenciados passam a ser membros, ou da ordem do colégio de Engenharia Mecânica, ou do colégio de Engenharia Electrotécnica – adianta Francisco Brojó, presidente do Departamento de Electromecânica. Francisco Brojó dá garantias de qualidade por parte dos alunos formados na UBI e

acredita que um colégio de Electromecânica já se justifica na actualidade. "Neste momento já há licenciados suficientes e grande parte deles estão colocados como directores gerais de empresas nacionais e multinacionais. O grande problema é que estamos há pouco tempo na Ordem, para que seja criado esse mesmo colégio" – acrescenta o presidente do Departamento.

Ligação à tecnologia

A Engenharia Electromecânica está muito interligada com as novas tecnologias. As conferências pretenderam sobretudo abordar as mecânicas, as electrónicas, e as termodinâmicas relacionadas com a cogeração – sistemas térmicos dos edifícios –, e os sistemas inteligentes, numa perspectiva tecnológica de futuro de automatização dos processos. Para debater tais assuntos, o núcleo convidou principalmente oradores da casa e alguns professores do Instituto Superior Técnico de Lisboa. "Como são as primeiras conferências, decidimos que os nossos palestrantes seriam em

grande maioria professores aqui da UBI, de forma a ganharmos experiência e maturidade para novas iniciativas mais elaboradas" – justifica André Sá, membro do núcleo.

Quanto às expectativas criadas relativamente à adesão dos alunos a esta iniciativa, o núcleo sente-se "um pouco desapontado". A falta de disponibilidade de certos professores em darem dispensa das aulas para este tipo de actividades condiciona o número de presentes na plateia das conferências. Os alunos acabam por seleccionar e assistir somente aos temas que consideram mais interessantes. "Os professores que não dispensam os alunos têm uma perspectiva errada. Não é o facto de faltar a uma aula numa semana que iria cortar a linha de raciocínio que eles têm num semestre. Assim, as aulas continuam a decorrer e muitos dos alunos não querem faltar às aulas para virem assistir às conferências" – salienta ainda Francisco Brojó.

Jornadas de Têxtil 2005

Têxteis de alta tecnologia são o futuro

"Que futuro para a indústria têxtil?" foi o mote lançado para a discussão entre professores, especialistas e alunos nesta edição de 2005 das Jornadas de Têxtil.

Filipa Minhós

A indústria têxtil está mudar. Num época de globalização de mercados, a aposta no desenvolvimento de novas tecnologias de ponta e a reflexão sobre as estratégias da economia têxtil mundial são as soluções apresentadas pelas Jornadas de Engenharia Têxtil 2005. Estas jornadas, que já se realizam «há anos sem conta», consistem num "conjunto de intervenções de especialistas, quer da indústria, quer do mundo académico, que visam trazer uma complementaridade de formação aos nossos alunos e, simultaneamente, fazer uma actualização de conhecimentos para os quadros técnicos das empresas" – explica Rui Miguel, presidente do Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis da UBI.

Numa iniciativa do UBITECH (Núcleo de Estudantes de Engenharia Têxtil da UBI), que contou com o apoio e incentivo do Departamento, este conjunto de conferências teve lugar no anfiteatro 8.1 entre os dias 31 de Março e 1 de Abril. Toda a discussão em torno da actualidade do têxtil, numa pers-



Rui Miguel

pectiva de futuro, aliciou a adesão de muitos alunos. "A sala tem estado cheia. Logo, é sinónimo de que os temas foram bem escolhidos e de que os oradores são de muita qualidade. Mas o mais importante é que os alunos estão muito empenhados em serem eles os técnicos do futuro" – salienta Rui Miguel.

Concorrência mais agressiva

Com a liberalização dos têxteis chineses, "a preocupação de Portugal deve assentar, não na forma de estancar a entrada

dos têxteis chineses no mercado, mas no sentido de ter produtos e negócios têxteis que sejam adequados à nossa realidade de País e nos coloquem ao nível daqueles que existem nos países desenvolvidos" – acrescenta ainda. De facto, para Rui Miguel, a realidade portuguesa deve manter um posicionamento de mercado de domínio dos têxteis de elevada incorporação tecnológica, dos têxteis da alta moda e dos têxteis técnicos (têxteis não convencionais). Ao mesmo tempo, é necessário existir um domínio do negócio de distribuição ao consumidor final. Só estas duas condições podem fazer frente à grande produção em série dos têxteis chineses. "O nosso posicionamento requer uma readequação da nossa indústria e negócio têxtil. Temos que estar actualizados, na frente da moda, porque o têxtil é efémero. Aquilo que é inovador e que tem aceitação no mercado é aquilo que é inovação hoje. Quem lá chegar amanhã já não vai no pelotão da frente".

Mestrado em Matemática Aprendizagem geométrica

Eduardo Alves

A autora de "As Investigações Matemáticas no Ensino – Aprendizagem da Geometria" é professora no Ensino Secundário. Esta actividade foi um dos motivos que a levou a estudar algo "de muito importante, mas que por vezes passa ao lado de quem estuda os métodos escolares".

Uma das metas propostas por Maria Amélia Marques prende-se com a capacidade de "avaliar o conhecimento profissional dos professores". Este objectivo passou pela análise de alguns docentes e pela forma como orientaram os seus alunos, quando estes foram confrontados com um tipo de problema. Se "um docente estiver bem preparado, consegue entender e guiar os alunos até à resolução dos exercícios, mesmo que esta seja obtida de diferentes formas".

Outro ponto fundamental nesta dissertação de mestrado foi a capacidade de comunicação dos docentes. Para Maria Amélia Marques, "é bastante importante que os professores saibam transmitir os seus conhecimentos de forma simples e convincente". Só desta maneira os



Maria Amélia Marques

alunos "ganham confiança e conseguem melhores resultados". A pedagogia aparece assim, "como mais um dos parâmetros a ter em linha de conta no ensino".

A tese apresentada na UBI por Maria Amélia Marques, no passado dia 6 de Abril, obteve a classificação de "Muito Bom" e teve como júri João Ponte, professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, António Bento, professor auxiliar da UBI, e Manuel Saraiva, professor auxiliar da UBI.